

RESSUSCITAR OS SENTIDOS

Estamos vivendo uma cultura profundamente desconectada do sensitivo. Os **sentidos** estão ficando atrofiados e nos lançamos desesperadamente em busca de compensações virtuais. Nossos medos estão impossibilitando os sentidos ocuparem o lugar que lhe corresponde em nossos comportamentos e atitudes.

Extirpamos nosso **olfato** pelo temor a um mau odor. Desprezamos com indiferença os odores de nosso entorno, das pessoas, dos objetos... se não tem com a garantia de um perfume etiquetado. Buscamos espaços descontaminados, assépticos..., pois o odor da pobreza, da exclusão, do lixo... nos inquieta e nos causa medo. No entanto, nossa mente está cheia de recordações olfativas...

Em estreita relação com o olfato, nossa **respiração**, fonte vital de energia, se faz cada vez mais doentia. Praticar uma respiração profunda e tranquila está se transformando em um luxo.

O “**viver com sabor**” transformou-se numa loteria onde poucos tem possibilidade de acessá-la. Ficamos cada vez mais impossibilitados de “gostar” a fruta pelo sabor, para passar à alimentação ingerida mais pelos olhos. São os invólucros de nossos alimentos que nos alimentam. O sabor não conta para os experts em manipulação genética. O saborear as coisas pertence ao passado. A arqueologia não tardará em incluir o elemento gustativo em suas anotações de campo.

Nossos **ouvidos**, assaltados pela música virtual, se desconcertam ao descobrir o silêncio. Perdemos a sintonia dos sons naturais. É exagerado pedir que distingamos o cantar de um pássaro. A contemplação auditiva não registrada em CD nos parece uma perda de tempo.

A **visão** que, sem dúvida, é o sentido por excelência e o mais estimulado, é, ao mesmo tempo, o mais manipulado e violentado pelo excesso de imagens virtuais. Nosso campo de visão é cada vez mais reduzido, unicamente ampliado pelas telas digitais. Vemo-nos assaltados pela cidade de cimento e asfalto, nossos lugares de trabalho se reduzem a “bolhas cúbicas” e nossos olhos se veem obrigados a ocultar-se, com o pretexto de proteção, sob óculos de sol.

No tempo de férias, no afã de fugir da cidade para espaços de beleza natural ou artística, nossa máxima preocupação é registrar tudo em câmeras fotográficas. Em nossas agências de viagens não consta um programa para deter-nos numa atitude contemplativa.

Fazemos constantemente “zappin” num afã desesperado de alcançar experiências pontuais, registradas, mas não sentidas e, menos ainda, vividas e compartilhadas.

O **tato** supõe proximidade, imediatez... Tocar ou nos sentir tocados é, em determinadas circunstâncias, a linguagem mais inteligível do amor. No entanto, nosso mundo está cheio de alambrados, muros, valas e fronteiras; usamos de artimanhas para “ver de longe”. Com isso, nos defendemos dos que são de outra raça, cor, religião, sexo, classe social... e nos fechamos no preconceito e na rigidez dos relacionamentos.

Precisamos de um autêntico transplante de pele.

É preciso “**ressuscitar os sentidos**” para que encontrem seu lugar insubstituível na experiência de fé. E só podemos descobrir o “lugar e o sentido” dos **sentidos** através do confronto com a “sensibilidade de Jesus”. É isso que S. Inácio repete e faz pedir continuamente nos Exercícios, ou seja, no fundo do “conhecimento interno” está a petição de uma nova **sensibilidade**, distinta à do próprio egoísmo.

Educar nossa **sensibilidade** “ao estilo de Jesus” implica empapar-nos de sua forma de ser e de sentir, de vibrar com tudo aquilo que lhe fazia vibrar, de rejeitar tudo aquilo que Ele rejeitava, e assim reagir frente à realidade e às pessoas do mesmo modo que Ele reagia.

Os Exercícios se apresentam como “*uma aprendizagem, um aprofundamento e um discernimento deste sentir de Jesus*” (Melloni). Na realidade, trata-se de querer ter sempre – na expressão de S. Paulo – os “*mesmos sentimentos de Cristo Jesus*”, a quem o exercitante deseja “*seguir e imitar em tudo*” (EE. 109).

Com efeito, a grande pergunta para o exercitante em suas contemplações “*dos mistérios da vida de Cristo*” vai ser precisamente esta: Como Jesus olharia? Como Jesus escutaria? Como Jesus falaria?...

Através dos nossos sentidos, o mundo de Jesus entra imaginativamente em nossa intimidade, e por meio deles respondemos também à realidade de um modo novo. Buscando e desejando a identificação com Jesus, nossos sentidos aprendem d’Ele a ter ternura, visão, escuta, sabor...

Segundo a metodologia inaciana, para orar não podemos colocar entre parênteses o uso de nossos **sentidos**; pelo contrário, trata-se de introduzir pneuma, sopro em cada um deles, para que se tornem órgãos da experiência de Deus.

Quando falamos de **“sentidos espirituais”** estamos fazendo referência aos sentidos espiritualizados, habitados, animados pelo Espírito de Deus. Os **sentidos** não são destruídos, mas transfigurados; eles se tornam “sentidos divinos”, pois tornam o ser humano cada vez mais “capaz de Deus.

“Ressuscitar os sentidos” significa harmonizá-los com a presença do Espírito, torná-los silenciosos, despojados diante d’Aquele que é.

Sob o termo **“educação da sensibilidade”** ao estilo de Jesus, apontamos diretamente a um “plus de humanidade” que “sai de dentro” e permite que os cinco sentidos não se limitem somente a ver, ouvir, gostar e tocar – que podem ser respostas só mecânicas -, senão que aprendem, além disso, a “olhar, escutar, saborear, acariciar e beijar”.

Nascemos com olhos, mas não com o **olhar**; temos, sim, ouvidos, mas não sabemos **escutar**; podemos cheirar e gostar as coisas, mas nem sempre somos capazes de **desfrutar** e **saborear** a vida. Tocamos e abraçamos os outros, mas quantas vezes nossos “toques” não chegam a ser **“carícia”**.

O mestre de Nazaré desenvolveu a **sensibilidade** no seu sentido mais belo. Nele, ela se tornou mais do que uma característica de personalidade, mas uma arte poética. Era criativo, observador, detalhista, perspicaz, arguto, sutil. Destilava prazer nos pequenos eventos da vida e, ainda por cima, conseguia perceber os sentimentos mais ocultos naqueles que o cercavam. Conseguia ver encanto numa pobre viúva e perceber as emoções represadas numa prostituta. As dores e as necessidades dos outros mexiam com as raízes de seu ser. Conseguia mesclar a segurança com a docilidade, a ousadia com a simplicidade, a autoridade com a capacidade de apreciar os pequenos detalhes da vida. Por ser um exímio observador, o mestre da sensibilidade se tornou um excelente contador de história e parábolas.

O exercitante que deseja imitar Jesus também no “uso dos sentidos”, Ele que tantas vezes sentiu compaixão pelos últimos e pelos perdidos, aprende a “viver com compaixão”.

Uma opção de seguimento evangélico que não conte com a **“ressurreição dos sentidos”** está destinada ao fracasso, pois, sem uma identificação com a **sensibilidade** de Jesus nossos sentidos passeiam vazios e sem bússola pelo mundo, como que afundados na noite.

Inversamente, uma **sensibilidade evangelizada** é uma graça que permite um seguimento constante. Como consequência, a conversão evangélica tem que chegar a alcançar a **sensibilidade** para ser efetiva.

Deixemo-nos alcançar pela Ressurreição de Cristo permitindo que o nosso corpo seja um **corpo de ressuscitado**. A ressurreição **“entra pelos sentidos”**. Então:

- nossos **olhos** não só ficarão fascinados por perceber Sua presença, senão que, como os Seus olhos, olharão a dor do povo, se converterão em lugar de encontro. Serão olhos que ao olhar reconhecem e devolvem dignidade, perdoam, animam, levantam-se, amam;
- nossos **ouvidos** se farão sensíveis e escutarão a brisa suave que descobre a presença do Mistério na cotidianidade da vida; saberão distinguir, apesar dos ruídos, os gritos de dor e os cantos de alegria do povo; saberão escutar respeitosos e atentos;
- nossa **boca** saberá falar e calar como linguagem de amor; denunciará com valentia; cantará a boa notícia; compartilhará com satisfação o que dá sentido à própria vida, e se fechará à maledicência; aprenderá a degustar, na vida cotidiana, os sabores do reino e oferecerá aos outros essa sabedoria degustadora;
- nossas **mãos** serão capazes de colaborar no nascimento da vida nova que ilumina por todos os rincões do mundo. Serão mãos que compartilham, acariciam, curam, ajudam a demolir os muros da exclusão;
- nossos **pés** se converterão em samaritanos e peregrinos, companheiros de viagem que não trilham os caminhos da violência, mas abrem caminhos de paz. Serão pés dançantes, festivos, que sabem desfrutar da vida simples, do prazer compartilhado;
- nosso **coração** será cada dia mais amoroso, grande, sem mesquinhez, sem ressentimentos, casa aberta, misericordioso, compassivo, será um coração de carne, não de pedra;
- nossas **entranhas** saberão estremecer-se de dor e de prazer, não permanecerão indiferentes, serão entranhas sempre fecundas, geradoras de vida nova para as gerações futuras;
- nossa **pele** será lugar de contatos curadores, lugar para o encontro, nunca para a “alergia” dos outros.